

Corpo Terra Templo

A relação
Terra-Corpo-Ser
como base da acção
e pensamento

por IRIS LICAN

«A MATÉRIA É ENERGIA,
O ESPÍRITO É ENERGIA,
TUDO É ENERGIA»

— STARHAWK

UMA DAS MAIS PROFUNDAS FERIDAS que trazemos é a corporalidade. Desde que nascemos que o nosso corpo é tratado como se estivesse inapto para se dar à luz, ser saudável por si mesmo, ter permissão para a expressão livre e espontânea de gestos e emoções, ter espaço para ser amado na sua singularidade e na sua relação sensorial e sensual consigo mesmo, com outras pessoas e com a própria Natureza.

Estar no corpo pode trazer uma sensação de limite, impossibilidade, frustração perante o cansaço, a fome, o desconforto, a impossibilidade de seguir a sua visão.

Mas terá sido sempre assim?

Até que ponto os nossos códigos socio-culturais e religiosos investiram no antropocentrismo? Alienando o geocentrismo, impossibilitando a experiência corpórea de ser plenamente consciente, dissociando-nos da total e permanente conexão à Natureza Mãe, da qual somos parte enquanto Anima: alma e animal. Empurrando-nos para uma busca permanente baseada num desencontro impossível: sempre estivemos aqui, parte viva do mistério da Existência. A imperfeição é a transformação acontecendo perante os nossos olhos jovens. Cada um de nós, única, inigualável e essencial obra da Natureza Mãe.

Em toda a nossa cultura há ainda um eco profundamente vinculado à ideia de separação entre espírito e matéria. Como neopagãos, recebemos esta herança por aculturação, e poucos de nós a questionam.

Será verdade que temos um corpo desprovido de espírito, que é um mero veículo?

Quando referimos a visão, onde acontece a visão? Porque a visão é corpórea e é justamente essa qualidade que nos permite entrar

no campo da epigenética e ter o poder de alterar a matéria-base de que somos constituídos, elaborando-nos numa relação biológica profundamente consciente (embora não necessariamente racional). Isso é prática alquímica e mágica profunda. Estarmos tão presentes que somos testemunhas da emanção da força da existência que nos atravessa, cria e desconstrói e, pela vontade (maior que o desejo e até potencialmente impessoal), estimula o poder inato de elaborar um sentido comum, um bem maior.

Somos parte viva de um planeta vivo. Pertencemos à Terra, a Terra não nos pertence.

Pertencer ao corpo e à Terra devolve-nos o sentido de presença, a certeza de que somos feitos para os tempos em que vivemos. A Terra é casa, caminho, alimento. Dela nos erguemos, nunca estamos fisicamente pairando sobre ela; encontramos-nos sempre literalmente ligados a ela, estejamos nós plenamente conscientes deste facto ou não.

«O SAPATO É O PRINCÍPIO DA GUERRA.»

Ouvi este adágio na Índia do Norte. Recordo-o muitas vezes como contentor de muita e expressiva sabedoria.

Quando deixamos de sentir o chão que pisamos, deixamos de conhecê-lo; deixamos de caminhar cuidadosamente, passamos a pisar seja o que for. O sapato, neste contexto, é também um mecanismo de diferenciação económica. Porque, a partir da relação com objectos externos que não o corpo e a Terra em si, criamos facilmente falsas ideias hierárquicas e esquecemos que todos caminhamos, com pés semelhantes, na mesma Terra que

nos sustenta a Vida e que somos muitíssimo menores do que Ela, em tempo de vida como em experiência.

Se nos foram úteis templos, resta-nos agora poder reivindicar que o sagrado é a Vida no seu movimento cíclico de nascimento–crescimento–maturidade–decadência–morte–transformação–regeneração–nascimento. Este movimento supera a experiência enclausurada em quatro paredes e pede uma comunhão directa com a Natureza no seu estado selvagem e sazonal.

Somos um templo vivo, parte de um templo muito maior que é a Terra, ela própria parte de um templo infinitamente mais amplo que é o Universo. Ao entender a Terra como sagrada e tudo o que na Terra vive como igualmente sagrado, a nossa relação de interdependência torna-se evidente, as nossas escolhas naturalmente mais éticas e compassivas, sem perda alguma de liberdade, mas sim com uma ampliação de perspectivas.

Outrora, Magos e Magas do Ocidente foram obrigados a fechar-se no segredo bem guardado de salas e caves, tornando os seus cultos cada vez mais simbólicos para que não fossem mal-entendidos ou susceptíveis de punição feroz. A Terra tornou-se, aos poucos, um lugar associado ao sofrimento, ao pecado, à dureza. Os eremitas e as Bruxas guardiãs de locais selvagens foram desaparecendo com eles, as suas práticas não escritas fundindo-se com o vento, a água, a pedra (por resultarem de uma comunhão elemental constante e espontânea, impossível de conter em palavra escrita ou padronizada por hábito).

Hoje é urgente reclamar esta espiritualidade empírica, baseada no sentido profundo da fisicalidade que nos permite sentir e que



A Floresta Sagrada

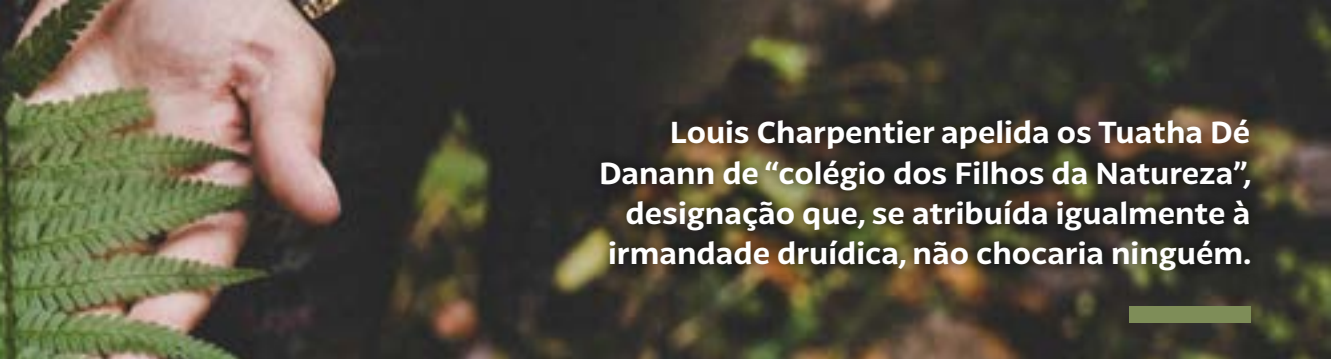
Cenário Mistérico de Ritual e Iniciação

por NUNO FERREIRA GONÇALVES

SEMPRE QUE NOS É CONCEDIDA a generosa oportunidade de darmos a lume parte das nossas indagações, procuramos fazer remontar ao imaginário mais profundo, ao espaço mítico de um “não-lugar” causal e inefável, o mote da dissertação elegida para o efeito. Não abriremos mão de o fazer neste momento, pelo que nos ocorre, desde logo, encetar a presente comunicação com uma das remanescências literárias mais ricas da poesia épica oriental, isto é, o *Ramayana*, e mais particularmente o capítulo do poema que conduz a narrativa à inóspita Floresta de Dandaka, pejada de todos os perigos, nomeadamente os advindos dos sinistros rakshasas, prontos a investir contra viandantes incautos na calada da noite. O herói, cujo coração está pronto para vencer os demónios que personificam o semblante tenebroso dos trilhos florestais, é Rama, um dos mais paradigmáticos iniciados de todos os tempos, exemplo de perfeito equilíbrio entre rigor e amor. Viremos a encontrar características semelhantes em Krishna, de espada em riste, combatendo feras demoníacas por entre o arvoredo espesso dos bosques e sob os raios sinistros da lua, mas recorrendo paradoxalmente à frescura de clareiras verdejantes sobranceadas por velhos cedros, para cantar o seu amor pela Deidade, pela Mãe-Natureza e pelos homens. Afinal de contas, são esses mesmos relatos epopeicos provindos do velho Oriente que enfatizam a importância

da floresta como lugar privilegiado de recolhimento para anacoretas, ascetas e todo o tipo de homens santos, como se após o embate probatório o prosélito encontrasse precisamente no mesmo palco de realizações o ‘descanso do guerreiro’, o acolhimento espiritual pelo qual a sua alma há muito ansiava.

No âmbito da tradição iniciática ocidental, e fazendo jus ao contexto temático axial do órgão de divulgação a que este estudo se destina, cabe dizer que dificilmente se poderá dissociar druidismo de floresta. Advogamos a tese em torno de uma hipotética passagem de testemunho mistagógico entre os enigmáticos Tuatha Dé Danann e os druidas. Segundo Louis Charpentier, Danann pode ser interpretado como um substantivo alusivo à Mãe primordial, a matéria virginal dos alquimistas, ou a mesma Virgem Negra assumida pela deusa Ísis no panteão do Antigo Egipto que encontrou eco na cristandade através de Santa Ana, por exemplo. Semelhante interpretação etimológica insinua a operatividade de uma corporação depositária dos segredos da Natureza, tendo por *sanctum sanctorum* de predileção o espaço florestal, onde todos os elementos se conjugam harmonicamente. Charpentier apelida os Tuatha Dé Danann de “colégio dos Filhos da Natureza”, designação que, se atribuída igualmente à irmandade druídica, não chocaria ninguém. Com efeito, os druidas



Louis Charpentier apelida os Tuatha Dé Danann de “colégio dos Filhos da Natureza”, designação que, se atribuída igualmente à irmandade druídica, não chocaria ninguém.

fizeram do bosque o laboratório de eleição da sua ciência prodigiosa, proscénio misterico de ritual e iniciação. Não é difícil imaginá-los a instruírem os seus neófitos sob a copa de árvores ancestrais, ao som de melopeias elementais, gorgolejos graciosos provindos de riachos próximos e cânticos entoados pela brisa boreal ao agitar suavemente a folhagem envolvente. Clareiras recônditas serviriam de câmaras de operações mágicas realizadas ao ritmo da natureza circundante, onde estados de verdadeiro êxtase seriam alcançados e forças ocultas evocadas. Cavernas insuspeitas, encobertas por densa vegetação, perfariam os sacrários das mais altas realizações teúrgicas, a que só o primus magus e os correligionários mais graduados poderiam aceder.

Segundo Plínio, os druidas habitavam preferencialmente em bosques onde predominasse o carvalho, de cujo visco faziam recurso para o desenvolvimento de poções e bálsamos curativos. O erudito Henri d'Arbois de Jubainville informa que todo esse ritual taumatúrgico não era feito à revelia de requisitos expressamente protocolares, desde a paramentação (túnica branca), passando pelo momento propício (sexto dia da lua), até à especificidade do instrumento cortante utilizado (foice de ouro).

Os druidas foram suprimidos por Roma, quer pela secular dos césores, quer pela religiosa do catolicismo emergente. Porém, o

cristianismo foi incapaz de decapitar a sábia serpente druídica de um só golpe. Houve um tempo em que o paganismo celta conviveu de perto com a nova religião monoteísta, pura e simplesmente porque os mais sublimes ensinamentos ministrados pelo colégio druídico em nada contrariavam a gnose primitiva evangelizada por Cristo. À medida que a cristandade foi sendo estrategicamente politizada pelo feudalismo despota da Alta Idade Média, os deuses pagãos da floresta foram caindo em profunda letargia, todavia, deixando viva no imaginário dos povos a reminiscência de artes proscritas e de princípios ontológicos genuinamente ecuménicos.

O mago Merlin, figura incontornável no âmbito da prosa romanesca medieval, personifica, de certo modo, o sincretismo mistagógico que demarcou a transição entre a hegemonia misterica pagã e o cristianismo emergente. O Graal, por sua vez, une o melhor desses dois mundos. Em qualquer dos casos, o bosque sagrado constitui-se proscénio inexorável. Era nas vísceras telúricas e inexpugnáveis do bosque que Merlin encobria a sua cripta residencial; no bosque encantado enamorou-se de Viviane, que se diz ter-lhe furtado o sortilégio da criação; no bosque iniciou Artur e forjou a aliança de uma das irmandades cavaleirescas mais célebres de todos os tempos. Este episódio em particular foi magistralmente recriado